

ASPECTOS DA REVELAÇÃO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

“Para os olhos isso é, por assim dizer, trevas”
(Nicolau de Cusa, A **Visão de Deus**)

ANTONIO ALCIR BERNÁRDEZ PÉCORA
(UNICAMP)

Salvo engano, o tema da **revelação**, cujo ápice se daria com a vista do verdadeiro sexo de Diadorim, vem sendo pouco explorado mesmo nas tentativas mais abrangentes de interpretação de **Grande Sertão: Veredas**. E para situar imediatamente os pontos desse tema para os quais se quer chamar a atenção, talvez conviesse tomar partido de certa propriedade paradoxalmente esclarecedora que parece conviver com enganos mais ou menos grosseiros. Assim é que no **release** distribuído aos jornais à época da adaptação de **Grande Sertão** pela TV falava-se, resumindo por alto, de alguma coisa como as aventuras de dois jagunços em que um deles, Diadorim, era de fato uma mulher que se disfarçava de homem a fim de vingar o assassinato do pai. Sem entrar no mérito da questão do “venturoso”¹, há que atentar para a segunda parte da afirmação, em que é revelado o motivo que teria levado Diadorim a seu disfarce. Aí, o **release** conta muita mais do que o livro permite: entrega logo a solução de um enigma, mas sorte que de um outro romance.

Em **Grande Sertão**, na verdade, as respostas são sempre muito menos óbvias. Basta notar, por exemplo, que Deodorina era já Diadorim quando Joca Ramiro é assassinado. Aliás, recomposta a fábula, por ocasião do primeiro encontro entre Riobaldo e Diadorim, este já se apresentava nas vestes e modos de um menino. Se se quisesse, não com dificuldades intransponíveis, seria possível ir ainda mais longe e duvidar até mesmo que Joca Ramiro fosse **inequivocamente** o pai de Diadorim: a esse respeito não há mais que a afirmação de Diadorim, diante da qual Riobaldo, estranhamente, embora sem duvidar jamais da seriedade do desejo de vingança, pouco se interroga, ou a Diadorim, sobre as circunstâncias mais detalhadas desse parentesco surpreendente, e ainda mais porque mantido em segredo. Se é certo que a mentira não tem lugar na figura fortemente moral de Diadorim, não é menos certo que o disfarce, afinal, seja constitutivo dela.

De qualquer modo, obviamente, não é preciso seguir nessa direção para mostrar a inconsistência das certezas do **release**: é suficiente observar que, ao longo do romance, por mais que as pistas para o reconhecimento de Deodorina em Diadorim sejam cuidadosamente semeadas² - e, de fato, após a revelação, elas pareçam quase evidentes, pareçam, melhor dizendo, verdadeiramente explicadas pela

revelação -, em termos precisos, naquilo que diz respeito aos motivos do disfarce, essa mesma revelação pouco adianta, pouco esclarece, ao contrário: é a partir dela que esses motivos mais se tornam enigmáticos, que mais se evidencia uma outra dimensão do verdadeiro enigma posto pelo livro.

É justamente quando se descobre Deodorina que Diadorim se configura como um problema em si mesmo, além daquele que se caracterizava exclusivamente na relação dúbia com Riobaldo e na ansiedade insensata com que insistia na caça aos Judas. Quer dizer, não apenas o disfarce de Diadorim não pode ser justificado em termos de um meio simples de viabilização da vingança, como, muito mais do que isso, a caracterização final de Diadorim com uma identidade-máscara é fonte de uma série de dúvidas que passam a envolver **regressivamente** toda a sua existência, e, como consequência, o sentido que ela ganha no interior das inquietações de Riobaldo. De um ponto de vista mais geral, isto deve alertar, mais uma vez, para a necessidade de questionar-se o significado que essa revelação tão particular imprime ao romance.

Reconhecer, porém, que o disfarce de Diadorim não se explica, nem de longe, pelo desejo de vingança, implica, de imediato, que se recoloquem as dúvidas quanto aos motivos que o teriam conduzido ao disfarce - a menos, claro, que se atribuisse tudo a atos usuais de liberdade romanesca adotados pelo autor, o que acabaria levando a dois absurdos: o primeiro de esquecer que obviamente não se trata de uma manifestação em bruto do romanesco, mas uma retomada sua na estruturação de um texto inteiramente diverso; o segundo de ignorar que o romanesco se apresenta em **Grande Sertão** mesclado com elementos típicos de um romance de formação³, que, como tal, é profundamente exigente com a verossimilhança realista que a narrativa maravilhosa (antiga ou moderna) poderia descartar.

E isto do desejo de vingança é realmente só a ponta mais visível de uma forma que parece invadir por dentro todas as costuras do romance. Tão logo se é obrigado a encarar a mulher em Diadorim e tudo o mais a seu respeito cai irreparavelmente em suspeição: não se sabe, por exemplo, por que Diadorim se mantinha longe de seu pai (se pai este fosse), e, ainda mais, sendo este um grande chefe, por que viveria o filho como um jagunço comum, sem quaisquer privilégios, quando o ambiente da tropa era profundamente hierarquizado. E pouco se sabe da necessidade, própria ou imposta, ou da opção do disfarce, e tampouco se foi a mesma ao tempo de criança e à época da jagunçagem. Nem mesmo se sabe a que tempo remonta o disfarce. Não há certeza de que Joca Ramiro soubesse do verdadeiro estado de Diadorim, seja como filho, seja como mulher, apesar da maneira especial com que o distinguiu quando da sua visita ao acampamento. Não se sabe por que Joca Ramiro admitia o disfarce, certamente de alto custo e risco para a vida da filha, e, uma vez que o admitisse, quais as razões que teria em mente para fazê-lo. Teria sido Joca Ramiro, ele próprio, o ideador do disfarce? E com que fim? Teria ele previsto a necessidade de um futuro vingador, como parece sugerir uma das muitas histórias recolhidas pelos ouvidos atentos de Riobaldo? Mas que circunstâncias o teriam conduzido a Deodorina, ao disfarce de homem e de jagunço comum?

E são tantas ainda as perguntas para as quais, verdadeiramente, não há respostas, ou, caso elas existam, estão longe de se dar na mesma escala de aparente linearidade com que dos sinais de um mistério em Diadorim chega-se à realidade da nudez morta de Deodorina! Embrenhar-se por essa trilha é tomar consciência, a cada instante, de quão pouco resta do romance à margem das dúvidas lançadas para trás a partir da revelação: Medeiro Vaz acaso sabe a verdade a propósito da relação possível entre Joca Ramiro e Diadorim? Algum outro chefe? E o Hermógenes? Otacília parece a tudo ter percebido logo ao avistar Diadorim, mas e quanto àquela

extraordinária mulher de Hermógenes? Não seria mais que intuição feminina o conhecimento que ela aparenta ter, ainda mais que não tinha o sentimento da rivalidade a aguçar essa intuição? Em quaisquer dos casos, por que não divulgar essa verdade, jamais?...

Todo esse rosário de dúvidas, mais ou menos pertinentes, algumas inevitáveis, parece apontar para um aspecto, como ficou dito, pouco explorado do romance. Não se quer, aqui, referir ao entendimento esboçado no **release**, que este simplesmente resolveu o livro a seu próprio modo, mas até à melhor crítica de **Grande Sertão**. Esta, em geral, parece ter preferido concentrar-se nos aspectos, por assim dizer, **esclarecedores** no tocante ao momento do **reconhecimento**⁴ da revelação: aquilo que diz respeito propriamente à inversão da fortuna do herói⁵, ou, ainda mais precisamente, à suspensão das certezas do leitor, acabou ficando um pouco de lado. Ocorre que, até onde as condições limitadíssimas deste estudo permitem supor, **a característica desta revelação é também a de velar**. A insegurança a que conduz a descoberta de Deodorina é tão constitutiva da peculiaridade de **Grande Sertão**, quanto o que nela há de estritamente esclarecedor.

Como é sabido, M.C. Proença fez um acurado levantamento dos sinais do verdadeiro sexo de Diadorim espalhados por todo o livro, sinais que apenas se confirmam quando a revelação, ao final, dá-se plenamente⁶. Quer dizer, de uma certa forma, M.C. Proença trabalhou no sentido de fortalecer o aspecto **verossímil** dessa revelação, efetivamente já preparada desde o início do romance. Mas, na direção das indicações aqui expostas, não seria gratuito ou de menor interesse cuidar alguém de proceder ao levantamento da vasta rede de mistérios de que a revelação é o grande e mais grandiloquente sinal. A questão que realmente pesa, neste caso, não é a da aposta na previsibilidade dessa revelação, mas a da percepção do quanto ela se expande fora de si mesma e atinge retroativamente todo o andamento da narrativa e de suas condições de entendimento. Isto não significa, de modo algum, supor que as interpretações mais adequadas de **Grande Sertão** seriam aquelas que, em oposição direta, por exemplo, às colocações de R. Schwarz⁷, tendessem a afirmar os aspectos "misteriosos", "irracionais" ou "indizíveis" do romance, mas, sim, sugerir que nele, em especial, a compreensão dificilmente poderá prescindir de uma delimitação tão clara quanto possível daquilo que parece permanecer obscuro, ou ter acentuada a obscuridade, ao cabo de seu longo trajeto. Nos termos particulares do momento de revelação do sexo de Diadorim, isso significa, antes de mais nada, que a sua interpretação poderia obter algum avanço se se identificasse sem hesitação essa espécie de claro-escuro que faz emergir.

A julgar pelo que ficou dito, uma questão que parece inadiável é a de buscar o sentido preciso de uma revelação que, se expõe uma verdade definida, aponta menos para aquilo que nela mesma é inteiramente novo ou parcialmente provável, como acentua o quanto havia de desconhecido, de indefinido, antes dela. Nada nessa verdade parece tão espantoso quanto a descoberta de que era outro justamente o objeto da maior intimidade de Riobaldo, de que era falsa a imagem do corpo de seu desejo, de que estivera todo o tempo enganado sobre a referência fundamental de suas atribuições - as quais, a rigor, poderiam definir uma existência inteiramente distinta não fora a permanência de seu engano. Está-se diante de um acontecimento crucial que obscurece uma identidade particular aparentemente muito clara e próxima: que, justamente por essa proximidade, ecoa de modo a alertar

para a fragilidade da forma geral do conhecimento possível entre os homens - agora, com a revelação, irremediavelmente impugnado.

Nessa linha de considerações, a natureza essencial da revelação em **Grande Sertão: Veredas** é, quase, a de um **anti-reconhecimento**: deixa-se de acreditar adequado e conhecido exatamente aquilo que determinara, de maneira irresistível, os desdobramentos da existência de Riobaldo. Sob esse ângulo, também, os vários sinais da presença de Deodorina anteriormente à sua aparição final não fazem mais que reforçar o aspecto mais inexorável desse anti-reconhecimento: a despeito da evidência deles, tudo permaneceu ignorado.

No que diz respeito propriamente à concepção de conhecimento ensejada a partir desse tipo de revelação, fica fácil ver que ela se refere muito menos a uma afirmação dos passos e etapas pelos quais se vai sucessivamente aproximando de um conhecimento mais exato, do que a uma impiedosa tomada de consciência de um existir que não conduz a seu ponto de resgate, que não logra, a tempo, distinguir entre ser e aparência. O conhecimento, neste caso, resta sobretudo como a desconfiança do que não é possível saber, e, também, da importância inestimável de um erro que, entretanto, não se pode evitar; o conhecimento confunde-se com o temor de que os acontecimentos, diabolicamente, apenas simulem seus nexos: "a vida disfarça?"⁸

Neste momento, mesmo sem pretender levar a comparação muito adiante, parece natural a lembrança de Nicolau de Cusa e sua noção-chave da **douta ignorância**⁹, mas isto, em boa parte, deve-se à formulação ainda excessivamente genérica em que as coisas se colocam aqui. Para tentar avançar um pouco, será preciso observar que a consciência aguda que há em **Grande Sertão** de um conhecimento que é sempre insuficiente em si mesmo, é, em geral, acompanhada de um forte acento trágico: o reconhecimento dessa insuficiência apenas se torna objeto da consciência **após** a revelação e o cumprimento do **páthos**. Antes desse momento de perplexidade e sofrimento, antes da experiência traumática da revelação, não parece ser possível a Riobaldo entender realmente o seu significado (assim como, em outra relação, o aparato genérico das letras delineado na figura do seu interlocutor não é capaz de entender as várias paragens do sertão, tão densas e exuberantes no escarmentado da memória).

Nessa direção, será razoável dizer que o sentido mais particular do anti-reconhecimento inscrito na revelação é, não uma recusa, mas uma afirmação da instância do vivido, do lugar onde as coisas se experimentam e se consomem, a despeito de seu inevitável engano. O momento impressionante da revelação não poderá ser entendido, portanto, nem como uma desistência dos parâmetros de um saber prático (em favor, por exemplo, de uma concessão mais ou menos deslumbrada à tecnologia funcional do conhecimento moderno, urbano, abstrato etc), nem tampouco, se se quisesse testar as possibilidades de atribuição de um sentido místico ao termo revelação - atitude, a meu ver, absolutamente imprescindível a uma leitura mais abrangente de **Grande Sertão** -, como uma epifania preparada por qualquer recusa do mundo ou por uma mitigação do desejo mais humano. Se há nessa revelação algo de um desengano do mundo, ele certamente é operado no interior das tensões do próprio mundo. A mística que há aí, e parece claro que há, não pode ser caracterizada senão a partir de uma espécie de ciclo vital (de que os pactos são componentes essenciais) e de uma efetiva transformação existencial: ao fim de Dia-

dorim, da exposição nítida de seu sexo, está mais que a razão (o móvel de origem) do seu disfarce, finda aí, igualmente, a vida de Deodorina e a do próprio jagunço Riobaldo. Aproximar-se do sentido da revelação implicará partir da percepção de que, ao afirmar-se nos limites da experiência, ela, de certa forma, dá o golpe que a esgota. O que talvez signifique que, além da devastação que gera, também recria as condições da existência ainda possível: o gosto da prosa que flui, da serenidade do amor de Otacília, da mansidão do tempo que resta para a memória e balanço da vida. É como se a revelação enfim indicasse o assento da modesta razão.

Campinas, Jul/85.

NOTAS

1. A esse respeito, e sobretudo no que de refere às mediações que convém ter em mente para pensar o "venturoso" em *Grande Sertão*, devo referir às discussões colocadas por Davi Arigucci Jr. em seu curso de 85, na USP, centrado na questão dos gêneros em *Grande Sertão*.
2. Cavalcanti Proença, em seu conhecido estudo sobre *Grande Sertão*, mostrou-o sobejamente.
3. Também sobre a questão do romance de formação em *Grande Sertão: Veredas* sou obrigado a referir novamente ao curso de Davi e às suas considerações de então.
4. Uso o termo em vista obviamente o sentido da *anagnorisis* aristotélica.
5. Considero, uma vez mais, a pertinência dos elementos trágicos para o exame do romance de Guimarães Rosa: a *peripécia* é aquela a que me refiro nesta passagem, tendo em vista sobretudo delimitar o impacto inevitável na revelação em *Grande Sertão: Veredas*.
6. "Trilhas do Grande Sertão" in *Augusto dos Anjos e outros ensaios*, RJ, J. Olympio, 59.
7. Refiro-me em particular ao estudo sobre a *fala* constituída por *Grande Sertão*, publicado no volume d' *A Sereia e o desconfiado*, RJ, Civ. Bras., 65.
8. Citação à página 67 da décima-segunda edição que a José Olympio fez do romance.
9. Essa foi uma pista que me veio seguidas vezes à cabeça e não resisti a trazê-la a público, embora sem maior cuidado de examinar sua efetiva pertinência. A propósito dessa concepção de "douta ignorância", em termos genéricos, pode-se dizer que ela admite o conhecimento do homem como falível por natureza; mas não há aí nenhuma recusa da inteligência racional, e sim a formulação paradigmática do pensamento moderno de que não haveria efetivo conhecimento pelo homem, senão quando esse pensamento evolui no sentido de reconhecer as próprias condições precárias em que é válido. E pode ser interessante notar, também, para um confronto mais preciso com o que se passa em *Grande Sertão: Veredas*, que essa concepção de conhecimento, no Cusano, não conduz a uma consciência pessimista (e talvez, nisso, ele seja mais cristão e renascentista que "moderno", no sentido vago da palavra) ou dilacerada: o embate entre o desejo de saber e seus limites prepararia o encontro do lugar preciso que caberia ao homem diante da onisciência divina, a descoberta da disposição exata que lhe seria verdadeiramente devida no plano do conhecimento substancial de Deus: o princípio da *coincidentia oppositorum* acabaria por harmonizar o saber ínfimo do homem e a verdade divina.